

SER MULHER MAIS ALÉM DA MÃE (NOTAS SOBRE A *FILHA PERDIDA*, DE ELENA FERRANTE)

Autora: Ayanne Priscilla Alves Sobral
Orientadora: Prof^a Dr^a Edilene Freire de Queiroz

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Resumo: Em sua última conferência sobre a sexualidade feminina, em 1932, Freud reafirma a premissa de que a maternidade seria a única saída possível à feminilidade, fazendo equivaler o ser mulher e o ser mãe. A partir da atual posição subjetiva em que as mulheres se encontram, onde a maternidade não mais se configura como um destino social, este artigo busca interrogar o que a psicanálise pode dizer hoje sobre a mãe, procurando discutir e apontar uma leitura mais apropriada da feminilidade e da maternidade articuladas às vertentes de desejo e de gozo. Para tanto, utilizamos como ferramenta de análise o livro *A filha perdida*, da escritora italiana Elena Ferrante. Nele, a autora dá forma a uma concepção curiosa da maternidade em que o amor de mãe é completamente desnaturalizado e problematizado, operando, a partir da leitura do romance e da articulação possível entre a psicanálise e o texto literário, um deslocamento da idealização da mulher toda-mãe para a mulher não-toda.

Palavras-chave: Maternidade, Feminilidade, Psicanálise, Literatura.

I

Ela é italiana, disso nós sabemos. Sabemos um pouco mais: Elena Ferrante, pseudônimo de uma escritora que há mais de vinte e cinco anos escolheu publicar de maneira reclusa – prescindindo de uma face pública e afastando-se da lógica midiática – tornou-se uma das vozes mais notórias da literatura contemporânea. Traduzida e publicada no Brasil pela primeira vez apenas em maio de 2015, sabemos que a reclusão da autora tem sido uma fonte de fascinação para os leitores e para a mídia em todo o mundo – especialmente para a mídia que, de modo quase obsessivo, não tem medido esforços para desvendar “o mistério Ferrante”¹.

Da escrita de Elena Ferrante sabemos, já de início, que a construção das personagens femininas é um dos pontos altos de sua obra. Suas personagens são mulheres complexas, fortes, imperfeitas e complicadas que desafiam estereótipos e demonstram uma angústia e um mal-estar constantes que questionam de maneira significativa a condição feminina imposta

¹ O objetivo deste artigo não é, obviamente, analisar a autora. No entanto, é preciso assinalar a escolha de Elena Ferrante em desvincular-se de suas obras, decisão ousada que além de apontar para a autossuficiência da escrita – “a escrita é tudo e eu sou nada, dirijam-se a ela, e não a mim” – parece reservar à autora um espaço criativo longe das censuras (e autocensuras) a que seria submetida quando em suas histórias apresenta protagonistas mulheres que se deslocam das normas tradicionais. Elena, em uma das primeiras e raras entrevistas que concedeu via carta na ocasião da publicação de seu primeiro romance, em 1991, publicada no livro *Frantumaglia* (2017), afirma que “após terem sido escritos, os livros não precisam dos autores para nada. Se tiverem algo a dizer, encontrarão, mais cedo ou mais tarde, leitores” (FERRANTE, 2017, p.12).

pela esfera social, cujo destino parece culminar em duas necessidades fundamentais: o amor de um homem e, conseqüentemente, um filho.

Em sua última conferência sobre a sexualidade feminina, em 1932, Freud reafirma a premissa de que a maternidade seria a única saída possível à feminilidade, fazendo equivaler o ser mulher e o ser mãe. Para o pai da psicanálise, na mulher a falta fálica a faz ir em direção àquele que possui o falo (o pênis simbolizado). Primeiramente ela busca o pai e depois o cônjuge, de quem pode esperar um filho. Nessa, que seria a saída normal da feminilidade, não há uma renúncia fálica nem a busca “por conta própria” de significantes fálcos.

Para Lacan, no centro da relação mãe-criança está a relação com a falta. “Se a mulher encontra na criança uma satisfação é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que a satura” (LACAN, [1956-57] 1999, p. 71). Assim, a mãe em Lacan é insaciável e ameaçadora por seu poder sem lei. Tal insaciabilidade refere-se ao modo da mulher tentar tamponar a falta, substituindo o falo pelo filho – operação fadada ao fracasso, pois haverá sempre um resto irreduzível de insatisfação.

A maternidade entendida como uma resposta aos impasses provocados pela posição feminina revela a dificuldade da mulher em se definir enquanto sujeito fora da referência ao falo. Na nossa sociedade ocidental – herdeira do catolicismo, em que a mãe é representada pela figura da plenitude materna, a Virgem Maria – a maternidade ocupa, ainda, um lugar tradicionalmente idealizado. O ideal da boa mãe oprime porque delimita um ideal de feminilidade.

Sabemos que a realidade das mulheres na atualidade já não é a mesma de algumas décadas: as novas configurações familiares, as novas imagens e símbolos da mulher contemporânea, o discurso sobre o gozo sexual – definido atualmente não apenas como legítimo, mas como um bem ao qual todas têm direito, independente do amor ou da reprodução –, o campo profissional aberto pelas mulheres e todas as suas possibilidades e destinos são transformações sociais que colocam a mulher em uma nova posição subjetiva.

Nesse momento em que a maternidade não mais se configura como um destino social, abrindo um novo lugar para o desejo feminino, interessa-nos saber o que a psicanálise pode dizer, hoje, sobre a mãe. A partir do ponto de articulação possível entre a psicanálise e o texto literário pretendemos discutir e apontar uma leitura mais apropriada da feminilidade e da maternidade articuladas às vertentes de desejo e de gozo e operar, como consequência, um

deslocamento da idealização da “mulher toda-mãe” (LIMA, 2006) para a mulher não-toda.

No livro *A filha perdida* (2016), Elena Ferrante dá forma a uma concepção curiosa da maternidade em que o amor de mãe é completamente desnaturalizado, sem deixar de ser, antes, problematizado. Ferrante põe em causa as construções imaginárias feitas sobre a maternidade e desmistifica a representação da mulher presa nos estereótipos de uma sociedade patriarcal e, ainda, falocêntrica, criando novos significantes que possibilitam à mulher falar daquilo que há séculos é condenada a calar: seu próprio desejo.

II

Leda, protagonista do romance *A filha perdida* (2016), é uma mulher italiana de quase cinquenta anos, professora universitária, inteligente e intelectual. Quando as duas filhas já crescidas decidem ir viver em Toronto, no Canadá, com o pai, Leda descobre “com um vislumbre constrangedor” não sentir tristeza alguma. Estava, pelo contrário, leve. Aliviada por não mais precisar se preocupar com os horários e necessidades delas, sente-se “milagrosamente desvinculada”, como se aquele trabalho – difícil, mas enfim concluído – não fosse mais um peso sobre seus ombros.

O romance se dá ao longo de um verão em que, livre das responsabilidades maternas, Leda decide passar em uma praia no litoral sul da Itália. Ao mostrar o interesse da protagonista por uma família napolitana que também passa férias na mesma praia, Ferrante passa a narrar um intenso fluxo de memórias, questionamentos e reflexões sobre a natureza da maternidade, colocando em xeque a lógica que define o ser mulher pela sua capacidade de ser mãe. No entanto, não faz isso tranquilamente; algo se descompassa o tempo todo, trazendo a Leda a angústia e o mal-estar que, parece, são ainda inevitáveis aos que subvertem, questionam e antagonizam-se às subjetividades idealizadas e organizadas socialmente.

Na praia, Leda vê desfilar todos os dias em frente a sua barraca a família que considera irritante e barulhenta, e que a recorda a sua própria. Entre essas pessoas estão Nina e Elena, mãe e filha que passam os dias brincando e provocam em Leda um fascínio particular, sobretudo quando observa que a relação que a mãe, Nina, desenvolve com a filha é prontamente reproduzida na relação que esta desenvolve com a sua boneca. Quando Nina mostra à filha como agir com a boneca, ensinando como amamentá-la, como cuidar e se portar, como ser, enfim, uma mãe, reproduz a máxima que se diz às meninas-mulheres desde

muito cedo e que se repete de geração para geração. Afirma então que a menina, como a maioria das meninas, “representa o seu papel de mãe jovem e formosa, não por amor à filha, mas para nós, os outros, para a multidão que enchia a praia, todos, mulheres e homens, jovens e velhos” (FERRANTE, 2016, p. 24).

No clássico livro publicado no final do século passado, *O amor incerto* (1985), a filósofa Elisabeth Badinter questiona a existência de um instinto materno, afirmando que os discursos filosófico iluminista e médico higienista do século XVIII exaltavam o amor materno como um valor natural, social e que deveria servir à espécie e à sociedade – valor que ainda hoje é muito dominante. “Eles impõem à mulher a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho” (BADINTER, 1985, p. 145).

Durante o século XIX, também a partir dos discursos médico e filosófico, a mulher ideal era representada como um ser frágil, passivo, maternal e assexuado. Como a maternidade e o casamento eram a única fonte de felicidade para as mulheres, toda a educação feminina voltava-se a estas concepções. É nesse contexto que se dá o desenvolvimento teórico de Freud acerca da feminilidade, ainda influenciado pelo referencial científico da época. É imprescindível destacar, porém, a importância que a psicanálise teve nas conquistas sociais das mulheres, pois foi a partir de sua escuta que Freud proporcionou às histéricas darem voz ao próprio corpo e àquilo que antes aparecia como sintoma. O pensamento freudiano estava adiantado em seu tempo, já que não podemos perder de vista o contexto social em que Freud trabalha suas descobertas teóricas.

No entanto, o destino feminino por excelência que, para Freud, seria a maternidade – a equivalência entre a criança e o falo como resposta à castração – é negado por Elena Ferrante quando a autora nos faz observar que na história de Leda a maternidade tira a sua singularidade, pois, diferente do marido que se ausenta na criação das filhas e continua a ter reconhecimento, ascensão e sucesso na esfera profissional, em uma carreira acadêmica similar a dela, Leda precisa abdicar a si mesma para se dedicar a função materna. “Fui muito infeliz naqueles anos. Não conseguia mais estudar, brincava sem alegria, sentia meu corpo inanimado, sem desejos” (FERRANTE, 2016, p. 58).

A articulação entre a feminilidade e a maternidade se dá em um vasto campo de debates dentro da teoria e da clínica psicanalítica. Embora Lacan permaneça freudiano quando se refere à premissa fálica e a impossibilidade de situar o inconsciente sem a referência ao

falo, é ele próprio que no texto de 1960, *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*, indica a possibilidade de uma saída pulsional presente na maternidade que não seria inteiramente mediada pelo falo.

Quanto a esse mesmo ponto, convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno. Por que não dizer aqui que o fato de que tudo que é analisável é sexual não implica que tudo o que é sexual seja acessível à análise? (LACAN, [1960] 1998, p. 735).

É precisamente a inclusão de um gozo feminino complementar o que Lacan propõe por meio das fórmulas da sexuação introduzidas no final do seminário *De um discurso que não fosse semblante* (1970-71) e desenvolvidas nos seminários *...ou pior* (1971-72) e *mais, ainda* (1972-73), constituindo assim um esforço de formalização da diferença entre os sexos. Não por acaso, as considerações de Lacan no campo do gozo se desenvolvem teoricamente em seus últimos seminários, mesmo momento em que se dedica mais diretamente às questões do feminino.

Colette Soler (2013) aponta o hiato que existe entre a mãe e a mulher, pois a criança situada como falo apenas oferece a ilusão de tamponar a posição erótica da mulher, mas não ocupa completamente sua vida sexual. Assim, porque ela está não-toda limitada pela função fálica, o desejo da mulher não será de todo saturado pela maternidade, pelo menos no que se refere à estrutura clínica neurótica. O desejo da mulher é sempre um desejo outro, que está para além das recompensas do amor maternal. Éric Laurent, no artigo *Sintoma e nome próprio* (2003), dá uma importante indicação: “Não se pode pensar a relação com a mãe somente do lado do bem, da ‘mãe suficientemente boa’, pois a mãe tem que enfrentar as aporias da sexualidade feminina e a criança pode funcionar como uma defesa ou como um limite” (LAURENT, 2003). Destaca-se, nesse sentido, o caráter essencialmente paradoxal da relação mãe-filho em virtude de se tratar de uma relação em que estão em questão o desejo e o gozo.

A filha perdida, que dá título ao livro de Elena Ferrante, parece representar todas as personagens femininas do romance que em suas histórias fugiram ou foram abandonadas pela figura materna. O empuxo à maternidade encontrará um limite no desejo feminino, na medida em que surge aí um desejo outro, para além do lugar do falo que a criança pode vir a encarnar (LIMA, 2006). A maternidade idealizada, a universalidade do amor materno ainda tão

arraigado em nossa sociedade, leva a mulher a se deparar com a impossibilidade desse ideal, experiência que pode ser entendida, é o que Elena Ferrante parece querer mostrar, como uma perda.

Quando é indagada sobre como eram suas filhas quando pequenas, Leda responde que não sabe, não lembra. “Não pode ser, ninguém se esquece de nada dos filhos”, alguém retruca, ao que ela responde, tranquilamente: “Eu fui embora. Abandonei-as quando a maior tinha seis anos e a menor, quatro” (FERRANTE, 2016, p. 83).

- O que você está dizendo, quem as criou?
- O pai.
- E você não as viu mais?
- Peguei-as de volta três anos mais tarde.
- Que coisa horrível, por quê?

- Eu estava muito cansada – disse eu.

- Às vezes, precisamos fugir para não morrer (FERRANTE, 2016, p. 84).

Segundo Roudinesco (2003, p. 38), o que se espera é que “a mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença entre os sexos”. Em outras palavras, a mulher se deve manter no lugar de mãe para que a irrupção da sexualidade feminina, caracterizada como devastadora e selvagem, esteja então contida.

A maternidade em Elena Ferrante parece não se reduzir a uma equivalência simbólica. Desvela, pelo contrário, outro lado da maternidade que traz nela um resto não assimilável, situado do lado do excesso, e que irrompe com eventos e gestos inexplicáveis. Ferrante apresenta o trajeto de uma desconstrução subjetiva, apesar de dolorosa, possível e libertadora. Leda revela algo difícil de admitir, mas violentamente real: “Queria sentir a mim mesma de forma cada vez mais intensa, os meus méritos, a autonomia das minhas qualidades”. E continua: “Ah, torná-las invisíveis [as filhas], não ouvir mais as exigências de sua carne como pedidos mais prementes, mais potentes do que os que vinham da minha” (FERRANTE, 2016, p. 125).

III

Ao propor modos diferentes de gozo para os sujeitos que se inscrevem de um lado ou do outro das fórmulas da sexuação, Lacan separa o ser mãe e o ser mulher operando um deslocamento em seu ensino, que discorre inicialmente sobre o desejo materno e se inclina, no final de seu percurso teórico, sobre o gozo da mulher. Além de afirmar que A mulher não existe, Lacan também se refere às verdadeiras mulheres. O que seria, então, ser uma verdadeira mulher?

“Há uma resposta muito simples”, afirma Miller (2010), “para Lacan o verdadeiro, em uma mulher, se mede por sua distância subjetiva da posição de mãe”. A intenção lacaniana, segundo Miller, não é construir um conceito de A verdadeira mulher, pois verdadeira mulher só se pode dizer uma a uma e em uma ocasião específica, em um grito de surpresa – de maravilha ou de horror, quando se percebe que a mãe não tapou na mulher o buraco. Miller, e também Lacan de modo mais discreto, indica um exemplo de uma verdadeira mulher: Medeia. “Não se deve imitá-la, mas ela constitui o exemplo radical do que significa ser mulher mais além da mãe” (MILLER, 2010). Leda, ao perceber que ser mãe estava limitando seus movimentos como mulher e sua subjetividade, resolveu, não sem dor e sofrimento, abandonar as filhas. Não seria ela também um exemplo de uma verdadeira mulher?

“Lamento, pois, não poder oferecer-lhes um modelo de mãe suficientemente boa, como Winnicott, nem um modelo de esposa como apoio”, diz Miller na Conferência *Mulheres e semblantes II* (2010). Éric Laurent (2003) aponta que as faltas da mãe a colocam no lugar de suficientemente má. Para não ser ideal, a mãe é suficientemente má quando faz obstáculo a uma função ideal de mãe, que pode ter efeitos catastróficos para a criança.

Em *A criança entre a mulher e a mãe* (2014), Miller, retomando mais uma vez a expressão winnicottiana, afirma que “a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher”. Nesse sentido, a criança não deve ser entendida como um substituto fálico, cuja função é preencher a mãe. A criança deve dividir, no sujeito feminino, a mãe e a mulher. É fundamental que ela divida, pois é essencial que a mãe deseje outras coisas além dela.

A metáfora infantil do falo, ou seja, o fato de que a criança seja o equivalente do falo, ou que o desejo, diz Freud, pode ser satisfeito pela substituição do desejo de um filho. A metáfora infantil do falo só é bem sucedida ao falhar. Ela só é bem

sucedida se não fixa o sujeito à identificação fálica e se, ao contrário, lhe dá acesso à significação fálica, na modalidade da castração simbólica, o que torna necessário que seja preservado o não-todo do desejo feminino. O Nome-do-Pai e o respeito pelo Nome-do-Pai não bastam; é preciso, ainda, que seja resguardado o não-todo do desejo feminino e que, portanto, a metáfora infantil não recalque, na mãe, seu ser mulher (MILLER, 2014).

Tanto em Freud quanto em Lacan encontramos o desejo da mulher por um homem como o elemento principal que faria divergir o desejo da mãe. Na contemporaneidade, porém, este está longe de ser o único elemento que faz esse trabalho; há uma gama de possibilidades de objetos que podem dividir a mãe/mulher além do homem. Ou do filho. A questão da maternidade assume, então, contornos muito particulares, pois cada mulher passa a se posicionar de forma específica e singular. As considerações de Lacan a respeito do gozo parecem endossar tais assuntos, pois, por ser não-toda submetida à castração, resta na mulher um Outro impossível de ser capturado pelas palavras. Para Lacan, é esse Outro gozo que marca a especificidade de cada mulher.

Segundo Miller (2010), só se pode falar de uma clínica feminina a partir da definição de perda: “essa perda fundamental com a qual o sujeito se associa” (MILLER, 2010). É essa mesma dimensão, de um lançar-se à subtração, ao silêncio e ao caos, de uma plenitude que se perde porque nunca esteve lá por inteiro, que encontramos no romance *A filha perdida* (2016). O que Elena Ferrante nos apresenta é a história de uma mãe que ao gerir outra pessoa, tê-la como parte de si e depois como um corpo estranho ao seu, precisa se reconstruir, juntar os pedaços daquilo que se perdeu em sua história e que a fazem, antes de tudo, uma mulher. Afinal, o que Leda queria era “ser vista por elas [pelas filhas] como uma pessoa e não como uma função” (FERRANTE, 2016, p. 98).

Autora: Ayanne Priscilla Alves Sobral
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Edilene Freire de Queiroz

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. Trad. Marcello Lino. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

_____. **Frantumaglia: os caminhos de uma escritora**. Trad. Marcello Lino. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

FREUD, Sigmund. **Sexualidade feminina (1931)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. **Feminilidade (1933[1932])**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto [1956-1957]**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAURENT, Éric. **Sintoma e nome próprio**. In: Opção Lacaniana. Revista Brasileira de Psicanálise. Nº 38. São Paulo: Eólia, 2003.

LIMA, Glauceineia Gomes de. **Da mãe a mulher: os circuitos de amor, desejo e gozo**. Tese de doutorado em psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

MILLER, Jacques-Alain. **Mulheres e semblantes I**. In: Opção Lacaniana nº 1, 2010.

_____. **Mulheres e semblantes II**. In: Opção Lacaniana nº 1, 2010.

_____. **A criança entre a mulher e a mãe**. In: Opção Lacaniana Online nº 15, 2014.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.